

O Caminho das Almas

Cornelius criara, para si, um curioso mandamento: “Não se evita um caminho longo, se o destino for uma tarefa árdua”. Então, agindo com congruência, seguia pelo percurso mais demorado. Apenas apressou o bater de asas ao sobrevoar a floresta. O conjunto de sons mal orquestrados que os habitantes da vegetação rasteira ecoavam, mais parecia uma fúria inconsciente da natureza. Uma verdadeira tortura. Seus ouvidos não suportariam aquela aberração sonora por muito tempo.

O sol estava prestes a partir quando ele avistou o mar. Ainda era possível apreciar o cintilar das águas, que quase camuflavam suas finas penas azuis. Aos poucos, permitiu-se perder um pouco de altura, até sentir o barulho solitário das ondas. O ar, estava violento e úmido, como esperado. Seu canto se perdia nas linhas do vento. Perto do oceano, ele se sentia purificado. Era um embalo de paz.

Lembrava, naquele momento, dos dias de jovem, quando evitava estudar insuportáveis protocolos para conversar com o oceano. E, aparentemente, ele o respondia. Sempre em forma de ondas. Fortes ou fracas, de acordo com a intensidade da mensagem. Mas, naquela tarde, apesar de todo o seu esforço, o mar parecia não querer conversa. Pena. Seria um bom motivo para retardar sua chegada.

Logo, porém, avistou a praia. Voava agora bem próximo da areia. Um conjunto gigantesco de rochas se formava à sua frente, e ficava cada vez mais próximo. Buscava uma entrada nas montanhas. Porém, inúmeras possibilidades lhe surgiam e ele pousou. Qual gruta deveria adentrar? Ponderou e caminhou pela areia. Então, de uma das entradas, um forte odor lhe atingiu a cabeça. Um cheiro azedo e miserável de ferida terminal. Só podia ser ali.

Entrou devagar, quase se rendendo ao impulso de dar a tarefa como concluída ali mesmo, e voltar para os céus. Dentro da caverna, uma sombra trêmula emergia do chão e invadia as paredes sobre uma forte luz vermelha. O calor se intensificava a cada passo. O barulho de gravetos ardendo só era abafado por um forte urro de agonia. De certo, algum estorvo que havia sido deixado para trás, a fim de não prejudicar a boa jornada do grupo. Cornelius achou melhor não aproximar-se demais. Posicionou-se por trás de uma pequena entrada oval, de maneira que não podia ser visto. Dali, avistava o corpo caído no chão, agonizando ao pé de uma fogueira. Não podia ver o que havia à frente da criatura, mas suas mãos estendiam-se naquela direção. A cabeça de Cornelius começou a pesar. Era a tarefa mais ingrata que já havia recebido. Nem podia prever se teria sabedoria suficiente para finalizá-la. Mas, apesar de tudo, se forçava a ir em frente. Enquanto possuísse consciência, jamais se negaria a libertar uma alma sequer.

O problema era o receptáculo. Pobres imperfeições de artistas preguiçosos, que idealizavam um mundo em constante mutação. O tal animal andava sobre dois pés e, com as mãos livres, a tudo modificava. Cornelius estudava muito, ou razoavelmente, sobre o mundo. Já havia aprendido o essencial sobre o tal ser: Aquelas eram criaturas operárias. Projetadas apenas para dar continuidade a obra de seus Criadores. Um animal com força e inteligência suficientes para cumprir com suas obrigações, sem que o sono dos seres “supremos” fosse interrompido.

A sombra projetada ainda contorcia-se com violência. O chão a sua volta começava a revelar o vermelho intenso das suas feridas. Continuava a apontar as mãos para frente. Talvez até olhasse para dentro de si mesmo, buscando algum conforto. Era lamentável. Mas nada superava o cheiro forte que exalava. O cheiro do medo. Entretanto, isso era compreensível do ponto de vista de seus idealizadores: O medo os mantinha vivos, a vida os mantinha trabalhando. E, seu trabalho, garantiria a evolução do mundo que não os pertencia. Mas não eram conscientes disso.

Suas imperfeições e necessidade cega por trabalho, de certo, manteriam suas almas presas em uma profunda escuridão. Espíritos que vagariam por seus inconscientes, lutando

por alguma luz. Forças, que só queriam destruí-los. Eclodir o vasilhame imperfeito, era a única forma de alcançarem liberdade. Mas como destruir um ser que se alimenta da sua presença? Sua fúria, o fortalece. Até mesmo suas piores angústias, faziam seus corações pulsarem. Era uma armadilha. Cornelius não era capaz de imaginar o quão árduos poderiam ser os dias dentro daquela cela.

Quando os gritos de dor tornaram-se insuportáveis, o pássaro deduziu que chegara o momento. Aos poucos, aproximou-se do corpo deficiente. Plainando por cima da criatura, iniciou uma canção na língua dos pássaros. Era uma oração milenar de almas muito antigas. Uma purificação. Ele cantarolava em perfeita harmonia com o tempo. Enquanto as súplicas do animal eram selvagens e urgentes, a ave cantarolava vagarosamente e com delicadeza.

Assim, Cornelius cumpriu sua tarefa. Arrancou, do recipiente sofrido, uma alma fraca e triste. O corpo do ser operário, agora inerte, não mais possuía vida. A aura revelada da escuridão era serena. Um brilho espectral formou-se ao seu redor em tom de calma. Ela estava livre. Livre e, de certo, muito fraca. O pássaro se posicionou no centro do espírito e iniciou um rodopio. Ao girar, ele criaria um pequeno vórtice. Um portal para o Caminho da Purificação. Esse era o início do recomeço das almas angustiadas. Ele girava com muita graça e leveza. O portal já estava quase formado. Foi nesse ponto que, no meio do rodopio, Cornelius sentiu um forte golpe. Uma força inesperada o fez chocar-se contra a parede à sua frente. Ele caiu no chão, ferido.

“Para onde você está me levando?” - A voz do espírito ecoava por toda a caverna.

Cornelius ainda tentava se recompor da queda.

“Eu vou te ajudar. Você ainda está fraca e perdida. É preciso iniciar o Caminho da Purificação.”

“É o que acontecerá após?”

A ave estava perplexa. Nunca, em nenhuma missão, fora indagado daquela forma. Como poderia aquela alma ainda encontrar força para quebrar seu giro? Sem mencionar o fato de poder ter aqueles pensamentos. Fosse o que fosse, a pergunta era perigosa. Ele procurou concentrar-se no protocolo. Aquela era a verdade que não poderia ser revelada. Era uma ilusão necessária, e fazia toda a diferença. Ele procurou parecer seguro em sua resposta.

“Depois, você será livre, e escolherá o seu destino.”

O silêncio durou mais tempo dessa vez. A caverna parecia ter sido invadida por uma corrente fria de pensamentos.

“Eu não irei.”

Cornelius não conseguia digerir o que acontecia. Procurava pensar em algum protocolo correto para aquele momento. Mas nada lhe vinha a memória. Sentia falta, agora, das horas de estudo trocadas pelas conversas com o mar.

“Me desculpe insistir, mas você precisa ir. Não há outro caminho.”

“A verdade, é que eu já cumpri a minha jornada. Não há mais nada a ser feito para me purificar, acredite. Eu vivi na escuridão dos dias daquele ser. Me vi, em forma de criança, montada em bestas ferozes. Nadei com leveza até cruzar o oceano. Empunhei lanças em batalhas travadas em florestas suspensas nas nuvens. Senti muitas dores e vi muitos esqueletos assombrosos ganharem vida. Foi um longo caminho até chegar aqui. Não consigo imaginar o que mais há para ser visto.”

Certamente nada daquilo estava escrito nos protocolos. Ele tinha quase total certeza. Ora, sobre o que aquela alma falava? O tempo estava se esgotando e a paciência de Cornelius também.

“Mas como você pode ter visto essas coisas? Se é verdade, então mostre-me!”

A alma pareceu ofendida.

“Porque duvida das minhas palavras? Se quiser entender, não tem outro jeito. Deverá você mesmo adentrar a camada mais profunda do seu próprio ser.”

“Não posso, na verdade. Aliás, desculpe não ter me apresentado ainda. Me chamo Cornelius. Sou uma alma genuinamente livre. Meu recipiente é um ser que vive nos céus, não possui amarras. Por isso vivo sempre à luz da consciência. Por isso eu, e todas as aves, nunca adentraremos a camada profunda e escura do ser.”

“Então não tem jeito. Você nunca entenderá.”

A alma rebelde se preparou para partir. Cornelius podia sentir sua presença se afastando. Ele deu um forte sopro em sua direção, na intenção de interrompê-la. Ela pareceu sentir.

“Por favor, eu imploro! Me deixe partir! Eu já disse. O meu Caminho já foi percorrido e, além do mais, você me libertou. Posso escolher meu destino.”

O pássaro já não tinha mais paciência. Jamais poderia aceitar aquele tipo de sermão de uma alma tão inferior. Começou a soprar ainda mais.

“Acontece que essa não é a lei!”

Ele ofegava.

“Você não está em condições de questionar! Nós somos almas milenares que cuidamos de vocês há muito tempo. Os únicos que foram capazes de manter a consciência plena.”

O espírito gargalhava e desafiava o pássaro.

“Milenares? Você já olhou para parede que está atrás de você?”

Ele estava de frente para o corpo sem vida do recipiente. Ao virar e olhar para a parede, lembrou do quanto o homem apontava naquela direção durante seus últimos suspiros. Analisando, o que viu foram marcas de mãos, com silhuetas envoltas em tinta vermelha. A criatura havia feito sua marca na pedra.

“Então, pássaro, você acredita que esses seres já não estão encontrando sua maneira de viver por milênios?”

Então era naquilo que ele se apegava. Nas rochas guardiãs de sua história.

“Cornelius, agora eu te entendo. E, talvez, o único Caminho possível para você, seja mesmo o da Purificação. Só que eu possuo meus próprios métodos.”

A ave sentiu uma força. Um vento vindo das profundezas e, em instantes, o fogo subiu até o teto e se expandiu. O calor aumentou repentinamente. Era muito para ele.

“Por favor, eu imploro! Pare com isso!”

E a resposta não tardou.

“Acontece, que essa não é a lei!”

Ele pôde sentir o riso sombrio do espectro antes de sua partida.

Cornelius estava sufocando. Sentia tudo escurecer. Iniciou o seu canto. A única coisa capaz de lhe trazer calma naquela situação. Começou a cantar e assim permaneceu. Cantando e chorando.

Seu canto seguiu pelas poucas ondas de vento presentes lá dentro. Algumas poucas notas escaparam e atingiram a praia. Sendo uma única nota, captada pelas ondas do mar. A resposta foi imediata. Uma enorme onda se formou e, com fúria, invadiu a caverna. Cornelius ouviu o barulho da água chegando em desespero. E não ouviu mais nada. Tudo ficou escuro.

No nascer do sol, Cornelius acordou em cima de uma rocha, no meio da praia. O mar lhe acariciava mansamente. Ele despertou. Sua mente, aos poucos, se recordava do dia anterior. Estava em choque. Era como se nada em sua existência fizesse mais sentido. Só pensava em encontrar um jeito de adentrar a camada mais profunda do seu ser, e entender o que aquela alma dizia. Passou o resto daquele dia meditando entre as nuvens. Passando pela floresta, vislumbrou um grupo de seres operários caçando bisões. Talvez, pensou, a resposta esteja com eles. Então, sem hesitar, adentrou a floresta barulhenta e nervosa, pela primeira vez, decidido a só sair quando encontrasse suas respostas.